

Perguntas Raio-X:

Descobrimos os porquês e os motivos do comportamento humano



David A. Powlison¹

“Por que eu fiz isso?” “Por que você reagiu daquela maneira?” “Por que usou aquelas palavras e aquele tom de voz?” “Por que pensou e sentiu daquela maneira?” “Você consegue lembrar detalhes do que aconteceu?” “Como você fez escolhas naquela situação?” “Como chegou aos resultados que colheu?”

A pergunta “Por quê?” desperta inúmeras teorias sobre a natureza humana. Por que as pessoas fazem o que fazem? Cada uma das análises da personalidade humana e das tentativas de solucionar o que aflige a raça humana está ancorada em alguma “resposta” a esta pergunta. O ponto de vista sobre a motivação humana estabelece cada detalhe das teorias e da prática. Você ficou bloqueado em algum ponto da hierarquia das necessidades? Você é geneticamente predisposto à agressão? Os hormônios são os culpados? Sua dinâmica psíquica entra em conflito com as regras

sociais? Seus impulsos foram reforçados por estímulos de recompensa? Você é do signo de Áries sob a influência de Júpiter? Você é um adulto codependente, que foi criado em um lar conturbado que determinou sua maneira de agir? Você está tentando compensar um sentimento de inferioridade, buscando elevar a sua autoestima? Um demônio chamado Compulsão infiltrou-se em uma brecha de sua personalidade? Você não tem um conhecimento doutrinário bom? O seu temperamento é melancólico ou sanguíneo, pessimista ou otimista, introvertido ou extrovertido? “Eu fiz, pensei ou senti de tal e tal maneira *porque...*”. O comportamento visível deve ter por trás alguma razão.

As teorias a respeito do que faz as pessoas agirem de uma forma ou de outra tomam corpo nos modelos de aconselhamento. As explicações dirigem as soluções: tomar medicação, expulsar um demônio, suprir suas necessidades, não tomar decisões importantes em dias astrais desfavoráveis, reprogramar o seu autopapo, examinar a sua dor. As causas presumidas e as respostas

¹Tradução e adaptação de *X-ray questions: drawing out the whys and wherefores of human behavior*. Publicado em *The Journal of Biblical Counseling*, v. 18, n.1, Fall 1999, p. 2-9.

apropriadas são debatidas entusiasticamente. Nas bibliotecas universitárias, centenas de prateleiras registram os debates. O Senhor Deus tem muito a dizer sobre esta questão. Ele refuta ativamente os rivais e os impostores, demonstrando que a motivação humana tem a ver com Ele. O aconselhamento que tem como alvo ser bíblico precisa fazer justiça àquilo que Deus diz sobre os porquês e os motivos do coração humano. As Escrituras reivindicam “discernir os pensamentos e propósitos do coração” de acordo com os critérios específicos com que Aquele que sonda os corações avalia o que Ele vê em nós (Hb 4.12).

A lista de “perguntas raio X” que damos a seguir ajuda a discernir os padrões da motivação humana. As perguntas têm por objetivo ajudar a identificar e expor aquilo que ocupa posição de autoridade no coração. O propósito é revelar os “deuses funcionais” – na verdade, o que ou quem controla as ações, os pensamentos, as emoções, as atitudes, as memórias e as expectativas. Preste atenção: na prática diária, os seus “deuses funcionais” costumam estar diametralmente opostos ao Deus a quem você declara adorar.

Pense em quando você fica ansioso, preocupado, tomado por inquietação. Alguma coisa aconteceu – você não consegue tirar esse problema da mente. Alguma coisa está acontecendo agora – você se deixa consumir pela situação. Alguma coisa acontecerá amanhã – sua mente trabalha incansavelmente a questão, remoendo cada alternativa possível. À medida que o pecado da preocupação crava as garras em sua alma, talvez você procure alívio instantâneo: assaltar a geladeira, assistir televisão, masturbar-se, ler um romance, fazer compras, jogar. Ou talvez você tente assumir o controle: completar uma lista de tarefas e telefonemas, trabalhar

durante toda a noite, limpar a casa. O que está acontecendo?

Como cristão você declara que Deus controla todas as coisas e opera cada uma delas para a glória dEle e o seu bem. Você declara que Deus é a sua rocha e o seu refúgio, um socorro bem presente em qualquer dificuldade que você enfrente. Você declara que O adora, confia nEle, ama e obedece. Mas naquele momento – hora, dia, período – de ansiedade, fuga ou desespero, você vive como se você precisasse controlar todas as coisas. Você vive como se o dinheiro, a aprovação de outros, o sermão bem-sucedido, seu diploma ou uma prova, a saúde perfeita, o fato de evitar conflitos ou conseguir aquilo que você quer ou...importasse mais do que amar a Deus e confiar nEle. Você vive como se os bons sentimentos passageiros pudessem ser um refúgio, como se suas ações pudessem consertar o mundo. Seu deus funcional compete com o Deus que você professa. Os descrentes estão totalmente tomados por motivações ímpias. Os crentes sinceros estão, com frequência, seriamente comprometidos com outros deuses, distraídos e divididos. Mas a graça pode nos dar uma nova orientação, purificar-nos e levar-nos de volta para o Senhor.

A obra de transformação que Cristo opera em nossas vidas acontece simultaneamente em duas dimensões, a “vertical” e a “horizontal”, o porquê e o como. Deus está reorientando continuamente tanto a nossa adoração como a nossa caminhada, os nossos motivos bem como o nosso estilo de vida. Paulo resume o propósito do seu ministério nas seguintes palavras: “Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia” (1 Tm 1.5). O amor resume a renovação dos relaciona-

mentos horizontais. Um coração puro, uma boa consciência e uma fé sincera resumem a reconfiguração do relacionamento vertical. Um coração impuro e dividido serve a vários senhores. Uma consciência má ou corrompida tira conclusões errôneas, avalia mal os fatos e engana, deixando de processar a vida como Deus quer. Uma fé hipócrita declara, canta e ora determinada coisa, mas confia em outra coisa quando sob pressão. As falhas no coração, na consciência e na fé produzem pecados específicos. A restauração do coração, da consciência e da fé produzem atos específicos de obediência. Este artigo investiga a dimensão vertical que guia e impulsiona – causa – a dimensão horizontal.

Perceba que cada pergunta gira ao redor da mesma questão básica: Quem ou o que é o seu deus funcional? Muitas das perguntas simplesmente derivam dos verbos que estabelecem nosso relacionamento com Deus: amar, confiar, temer, esperar, buscar, obedecer, refugiar-se, e assim por diante. Cada verbo traz uma lâmpada para nos guiar. Àquele que é o caminho, a verdade e a vida. Mas cada verbo pode ser transformado também em uma pergunta, erguendo um espelho para nos mostrar em que estamos errados. Cada pergunta conduz à mesma pergunta essencial. Em situações específicas – tempos, lugares e pessoas diferentes – uma ou outra pergunta pode ser mais apropriada e útil. Maneiras diferentes de formular as perguntas sobre motivação podem despertar pessoas diferentes.

As perguntas que vêm a seguir são perguntas “Por quê?”, formuladas de modo concreto como perguntas “O quê?”. Elas podem ajudá-lo a perceber o que determina a direção da vida de uma pessoa. Você não pode ver o que está no coração de outra pessoa, mas

you can make intelligent questions of the type “Por que você está irado? Por que você manipula outros? Por que você está ansioso nessa situação? Por que você tem um problema de cobiça em determinado momento? Por que você bebe em excesso?” A Bíblia – a palavra penetrante e iluminadora dAquele que sonda os corações – está preocupada em mergulhar abaixo dos comportamentos e emoções para revelar as motivações e nos expor perante Deus. Quando ficamos convictos dos enganos específicos que alimentamos em nossas mentes, a reorientação das motivações por meio da graça do evangelho costuma ser o passo seguinte.

Estas perguntas podem ser aproveitadas de várias maneiras. Cada uma delas pode ser usada como lente microscópica, para dissecar detalhes de um acontecimento específico da vida da pessoa. Ou pode ser usada como lente panorâmica, para fornecer uma visão ampla e lançar luz em hábitos recorrentes que caracterizam várias facetas da vida da pessoa. Você descobrirá ao longo do aconselhamento – e no seu próprio crescimento em graça – que os detalhes e o panorama complementam-se mutuamente. O panorama sozinho é muito geral; a mudança acontece em coisas específicas. Os detalhes isolados parecem triviais; o panorama dá um significado amplo aos detalhes pequenos.

As referências bíblicas têm o propósito de incentivá-lo a pensar. Elas apenas arranham a superfície do material que a Bíblia oferece sobre a motivação humana. Assegure-se de fazer a pergunta essencial: O que está motivando você ou outra pessoa? Não corra para dar a “resposta bíblica certa” antes de trabalhar árdua e honestamente para analisar os “deuses funcionais”. O arrependimento que resulta de uma compreensão

desta questão fará com que a “resposta certa” seja de fato certa e o amor de Jesus seja uma fonte de alegria e esperança.

1. O que você ama? O que você odeia?²

Esta pergunta baseada no “primeiro grande mandamento” sonda coração, alma, entendimento e força. Não há pergunta mais profunda que possa ser feita a alguém. Não há explicação mais profunda para a razão que nos leva a fazer o que fazemos.

2. O que você quer, deseja, anseia, cobiça? A que desejos você obedece?³

Esta pergunta resume a atuação interior da “carne” nas epístolas do Novo Testamento. “Seja feita a minha vontade” e “Eu quero _____” estão sempre em pauta. Os desejos que governam as pessoas são variados. Portanto, saia em busca de detalhes para esta pessoa, agora, nesta situação. Perceba que, às vezes, a vontade das outras pessoas pode governá-lo (a pressão do grupo, o desejo de agradar, um comportamento de camaleão). O anseio do seu coração, em tais casos, é alcançar tudo quanto de bom outros prometem e evitar qualquer mal que possa amedrontar: “Meu anseio é ser compreendido, aceito, apreciado, admirado”.

3. O que você procura, quer alcançar, busca? Quais são seus alvos e expectativas?⁴

Esta pergunta considera que a sua vida é ativa e se move em uma direção. Nossa vida é dirigida por propósito. A motivação humana não é passiva, como se fôssemos controlados por forças externas que resultam em “insa-

tisfação”, “frustração”, “condicionamento”. As pessoas são verbos na voz ativa.

4. Sobre o que você alicerça a sua esperança?⁵

A dimensão de futuro destaca-se na interpretação de Deus da motivação humana. As pessoas se sacrificam ativamente para alcançar aquilo que esperam – e o que esperam? Pessoas desesperadas tiveram suas esperanças frustradas – e quais eram estas esperanças?

5. O que você teme? O que você não quer? O que o deixa preocupado?⁶

Temores pecaminosos são o inverso de anseios ardentes. Se você deseja evitar a todo custo alguma coisa – perda da reputação, perda do controle, pobreza, doença, rejeição etc. – torna-se governado por medo e cobiça.

6. No que você sente prazer?⁷

Esta pergunta abre caminho para a pergunta 2: O que você deseja? Ser “orientado por sentimentos” significa fazer dos seus desejos o seu guia.

7. Do que você precisa? Quais são as suas “necessidades sentidas”?⁸

Se as perguntas 2 e 3 expõem os alvos em termos de ação, esta pergunta revela os alvos em termos do que você espera receber. As necessidades que sentimos são frequentemente mencionadas como se fossem autoevidentes e destinadas a serem supridas, não como algo que domina e escraviza sutilmente. Nossa cultura, que enfatiza as necessidades, reforça

² Mt 22.37-39; 2 Tm 3.2-4; Lc 16.13-14.

³ Gl 5.16-25; Ef 2.3, 4.22; 1 Pe 1.14, 2.11, 4.2; 2 Pe 1.4, 2.10; Tg 1.14-15, 4.1-3; Pv 10.3, 10.28, 11.6-7; Sl 17.14-15, 73.23-28.

⁴ Mt 6.32-33; 2 Tm 2.22.

⁵ 1 Pe 1.13; 1 Tm 6.17.

⁶ Mt 6.25-32, 13.22.

⁷ Veja nota de rodapé 2.

⁸ Mt 6.8-15, 6.25-32.

os instintos e hábitos da carne. Na maioria dos casos, as necessidades sentidas são uma linguagem comum para exigências idólatras de amor, compreensão, um senso de estar no controle, afirmação e realização.

8. *Quais são seus planos, a sua “agenda”, estratégias e intenções a se cumprirem?*

Esse é outro modo de avaliar o que você busca. O egocentrismo que espreita por trás dos planos aparentemente mais nobres pode ser assustador. Ninguém costuma dizer: “A expansão da nossa igreja em uma mega-igreja irá me dar fama, prosperidade e poder”, mas estas motivações são fruto da natureza humana. Sua presença, mesmo acobertada, perverte e macula as ações em um grau ou outro.

9. *O que mexe com você? O seu planeta se move ao redor de que sol? Onde está o seu jardim encantado? O que ilumina o seu mundo? De qual fonte de satisfação você bebe? O que alimenta a sua vida? O que de fato importa para você? Que castelos você constrói nas nuvens? Você organiza a sua vida ao redor de quê? O que orienta o seu mundo?*⁹

Muitas metáforas atraentes podem expressar a pergunta “Qual a sua razão de viver?”. Perceba que ser governado, por assim dizer, por um grande anseio por intimidade, realização, respeito, saúde ou bem-estar não define estes desejos como legítimos. Eles funcionam de maneira pervertida, colocando-nos no centro do universo. Fomos criados para ansiarmos predominantemente pelo próprio Senhor, pelo Doador e não as

dádivas. A ausência de bênçãos – rejeição, ostentação, insultos, doença, pobreza – é com frequência o contexto de provação em que aprendemos a amar a Deus por quem Ele é. Em nossa idolatria, colocamos as dádivas como bens supremos e fazemos do Doador um office-boy para atender nossos desejos.

10. *Onde você encontra refúgio, segurança, conforto, escape, alegria?*¹¹

Esta é a pergunta dos Salmos, penetrando em seu escapismo e sua falsa confiança. Ela é de ajuda no lidar com muitos dos “comportamentos compulsivos”, que costumam surgir no contexto de problemas e pressões e funcionam como falsos refúgios.

11. *Em quem ou no que você confia?*¹²

Confiar é um dos principais verbos no seu relacionamento com Deus ou com os falsos deuses e as mentiras. Os Salmos expressam confiança em nosso Pai e Pastor. Em quê você está colocando a confiança que ancora e dirige a sua vida? Em outras pessoas? Em suas habilidades e realizações? Em sua igreja ou tradição teológica? Nos bens materiais? Na dieta, no exercício físico ou no cuidado médico?

12. *Qual a pessoa cujo desempenho é importante para você? Sobre os ombros de quem descansa o bem-estar do seu mundo?*¹³

Esta pergunta investiga a justiça própria, a tendência a viver por meio de seus filhos ou colocar a esperança no casamento com um cônjuge certo.

⁹ Veja nota de rodapé 3.

¹⁰ Is 1.29-30; 50.10-11; Jr 2.13, 17.13; Mt 4.4, 5.6; Jo 4.32-34, 6.25-69.

¹¹ Sl 23, 27, 31, e cerca de dois terços dos demais Salmos.

¹² Pv 3.5, 11.28, 12.15.

¹³ Fp 1.6, 2.13, 3.3-11, 4.13; Sl 49.13.

13. A quem você precisa agradar? Quais as opiniões que contam a seu respeito? Você deseja a aprovação e teme a rejeição de quem? Qual o sistema de valores pelo qual você se mede? Aos olhos de quem você está vivendo?¹⁴

Quando você perde Deus de vista, você entra em uma floresta de distorções. Você tende a viver diante dos próprios olhos ou diante dos olhos de outros ou de ambos. Os “ídolos sociais” assumem diversas formas específicas: aceitação ou rejeição, pertencer ou ficar excluído do grupo, aprovação ou crítica, afeição ou hostilidade, adoração ou desprezo, intimidade ou alienação, ser entendido ou ridicularizado.

14. Quais os modelos que você segue? Que tipo de pessoa você deseja ou quer ser?¹⁵

O seu “ídolo” ou “herói” revela quem você é. Esta pessoa encarna a imagem a que você aspira.

15. Em seu leito de morte, o que a sua vida resumiria como de valor? O que dá sentido à sua vida?¹⁶

Esta é a pergunta de Eclesiastes, o livro que examina um grande número de opções e descobre que todas, menos uma, são vaidade. Traduza Eclesiastes 2 em seus equivalentes atuais!

16. Como você define sucesso ou fracasso em determinada situação?¹⁷

Os padrões que você segue ou usa podem estar amplamente distorcidos. Deus quer renovar a sua “consciência”, o padrão pelo qual você avalia a si mesmo e aos outros.

¹⁴ Pv 1.7, 9.10, 29.25; Jo 12.43; 1 Co 4.3-5; 2 Co 10.18.

¹⁵ Rm 8.29; Ef 4.24; Cl 3.10.

¹⁶ Eclesiastes.

¹⁷ 1 Co 10.24-27.

Se você conduzir a vida de acordo com o seu próprio entendimento ou “seus próprios olhos”, você viverá como louco.

17. O que faz com que você se sinta rico, seguro, próspero? O que o faria feliz?¹⁸

A Bíblia usa com frequência a metáfora do tesouro para falar em motivações.

18. O que daria a você o maior prazer, felicidade, deleite? O que daria a maior dor e tristeza?¹⁹

Bênção e maldição são a maneira bíblica de tratar da felicidade e da dor. Que expectativas você tem sobre onde e como encontrar bênçãos? Estas expectativas revelam o que governa a sua vida.

19. Que político poderia melhorar a situação se assumisse o poder?²⁰

Cada vez mais as pessoas depositam esperança em uma mudança política.

20. Você ficaria feliz com a vitória ou o sucesso de quem? Como você define vitória ou sucesso?²¹

Que interesse pessoal a sua resposta revela? Algumas pessoas chegam a “viver ou morrer” com base no desempenho de um time esportivo, o sucesso financeiro de uma empresa, os resultados acadêmicos obtidos ou a aparência física.

21. O que você vê como seus direitos? O que você sente que tem direito de fazer?²²

Esta pergunta com frequência lança luz sobre os padrões motivacionais das pessoas iradas, aflitas, tomadas de justiça própria e

¹⁸ Pv 3.13-18, 8.10ss, 8.17-21; Mt 6.19-21, Mt 13.45-46.

¹⁹ Mt 5.3-11, Sl 1, Sl 35, Jr 17.7-8; Lc 6.27-42.

²⁰ Mt 6.10

²¹ Rm 8.37-39; Ap 2.7; Sl 96-99.

²² 1 Co 9; Rm 5.6-10.

autopiedade. Nossa cultura reforça os instintos e hábitos da carne. “Eu tenho direito a_____”.

22. Em que situações você se sente pressionado e tenso ou confiante e descansado?

Quando você está pressionado, para onde se volta? O que você pensa a respeito?

Quais são os seus meios de escape? Do que você quer escapar?²³

Esta pergunta chega ao assunto por uma direção levemente diferente. Muitas vezes, certos padrões de pecado dependem de situações. Insistir em olhar para diferentes aspectos da situação pode colocar um espelho diante dos motivos do coração. Quando falar em público “faz você ficar” tenso, é possível que o seu coração esteja governado pelo seu desempenho aos olhos de outros (temor ao homem e orgulho). Quando o pagamento das contas gera ansiedade, talvez haja um forte amor ao dinheiro operando em você.

23. O que você quer alcançar na vida?

Que recompensa você quer extrair daquilo que faz? O que você consegue com isso?²⁴

Esta é uma maneira bem concreta de reformular as perguntas 3 e 8, escavando para desenterrar os seus alvos funcionais. Os ídolos, as mentiras e os anseios do coração prometem benefícios. Sirva a Baal, e ele garantirá fertilidade. Consiga fazer com que aquele rapaz goste de você, e você se sentirá bem a seu respeito. Consiga um salário alto, e você estará realizado diante dos outros.

24. Pelo que você ora?²⁵

Suas orações podem revelar um padrão de falta de equilíbrio ou egocentrismo. Das

muitas coisas pelas quais você pode orar, em que você se concentra? A oração está relacionada aos desejos; pedimos aquilo que queremos. As suas orações refletem os desejos da carne ou os desejos de Deus?

25. O que ocupa o seu pensamento com maior frequência? O que o preocupa ou que tipo de pensamento obsessivo você tem? Pela manhã, para o que a sua mente se volta instintivamente? Qual a sua maneira habitual de pensar?²⁶

Olhe no espelho as suas intenções e acerte a direção!

26. Sobre o que você costuma falar? O que é importante para você?²⁷

Esta pergunta presume uma ligação estreita entre motivações e comportamento. Preste atenção ao que você e outros escolhem como assunto de conversa e como se expressam. As nossas palavras proclamam aquilo que o nosso coração adora.

27. Como você usa o seu tempo? Quais são as suas prioridades?²⁷

Preste atenção ao que você e outros escolhem para fazer, pois revela as inclinações do coração.

28. Quais são as suas fantasias preferidas (sejam elas agradáveis ou amedrontadoras)? Com o que você sonha acordado? Qual o tema dos seus sonhos?²⁹

Somos seres humanos responsáveis mesmo nestes momentos. As suas preocupações habituais e os desejos são revelados nos devaneios.

²³ Veja os vários salmos de refúgio.

²⁴ Pv 3.13-18; Mt 6.1-5, 16-18.

²⁵ Tg 4.3; Mt 6.5-15; Lc. 18.9-14.

²⁶ Cl 3.1-5; Fp 3.19; Rm 8.5-16.

²⁷ Lc 6.45; Pv 10.19

²⁸ Pv 1.16, 10.4, 23.19-21, 24.33.

²⁹ Ec 5.3-7; veja notas de rodapé 1 e 4.

29. Que crenças você sustenta a respeito da vida, de Deus, de si mesmo e de outros? Qual a sua cosmovisão, sua “mitologia” pessoal que estrutura a sua maneira de olhar para o mundo e interpretá-lo? Quais as suas crenças específicas a respeito da situação? O que você aprecia?³⁰

Hebreus 4.12 fala de “pensamentos e intenções” do coração. Talvez possamos traduzir por “crenças e desejos”. Tanto as mentiras em que você acredita como as suas paixões estão por trás dos pecados visíveis. Nossas crenças controlam as nossas respostas. A sua maneira de entender a pessoa de Deus, você mesmo, os outros, o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o presente, o passado e o futuro tem efeitos disseminados.

30. Quais são os seus ídolos ou falsos deuses? Em que você deposita a sua confiança ou coloca a sua esperança? Para o que você se volta ou o que você busca? Onde você se refugia? Quem é o salvador, juiz, controlador do seu mundo? A quem você serve? Que “voz” está no controle de sua vida?³¹

Esta lista de perguntas investiga aquilo que usurpa o lugar de Deus. Cada uma delas pode ser identificada com a metáfora de um “ídolo a quem você é fiel”. As vozes que você ouve imitam certas características específicas de Deus: elas prometem bênçãos, ameaçam com maldições, ditam ordens. Comece a reparar cuidadosamente nestes aspectos.

31. De que maneira você vive para si mesmo?³²

Esta é uma forma geral para fazer qualquer uma das perguntas acima.

32. De que maneira você vive escravizado pelo mal?³³

A motivação humana não é puramente “psicológica”, “psicossocial” ou “psicossomática”. Quando você serve às mentiras, serve a um inimigo que deseja enganar, escravizar e matar. Você serve a Deus ou a outro senhor, mas você está sempre servindo a alguém.

33. Como você implicitamente diz “Se apenas...” (alcançar o que você quer, evitar o que você não quer, segurar o que você já possui)?³⁴

Os “Se apenas...” são meios comuns de expressão que podem revelar vários tipos de motivação com o propósito de promover auto-entendimento bíblico e arrependimento.

34. O que instintivamente lhe parece certo? Quais são as suas opiniões, quais as coisas que você sente que são verdadeiras?³⁵

Você não apenas “sente vontade” de fazer algumas coisas (pergunta 6), mas você também “sente” que certas coisas são verdadeiras. A sabedoria não é um sentimento a ser seguido. Muito pelo contrário, ela é

³⁰ Identifique ao longo de toda a Bíblia o propósito de renovar a mente obscurecida pela falsidade.

³¹ Identifique ao longo de toda a Bíblia o propósito de livrar o homem de ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro; Ez 14.1-8; Cl 3.5; Ef 5.5; 1 Jo 5.21; Jr 17.5; Tg 4.11-12.

³² Lc 9.23-25

³³ Jo 8.44; Ef 2.2-3; 2 Tm 2.26; Tg 3.14-16.

³⁴ 1 Rs 21.1-7; Hb 11.25; Fp 3.4-11.

³⁵ Jz 21.25; Pv 3.5, 3.7, 12.15, 14.12, 18.2; Is. 53.6; Fp 3.19; Rm 16.18.

corrigível à medida que se mantém sensível a ouvir e aprender.

35. Onde você encontra a sua identidade? Como você define quem você é?

A Bíblia fala de modo radical sobre auto-conhecimento, identidade e autoavaliação (“consciência”). As pessoas costumam buscar identidade em poços secos.

Esta lista de perguntas pode provocar um pensar frutífero sobre como a vida relaciona-se exaustivamente com Deus. Antes de concluir, quero reforçar três pontos que descobri serem particularmente úteis para manter minha bússola no rumo certo, tanto no aconselhamento como na busca de arrepende-me de meus próprios pecados.

Primeiro, minha norma prática é uma pergunta dupla: “Quais mentiras e paixões são expressas por meio desse padrão pecaminoso de vida?”. Investigue por detrás das expressões de irritabilidade, egoísmo, falta de esperança, escapismo, justiça própria, autopiedade, medo que incapacita, murmurações – seja o que for – e você vai encontrar um mosaico de mentiras específicas e de anseios. As Escrituras o equipam para trazer à luz esta questão e lidar com ela.

Segundo, os verbos que expressam o relacionamento com Deus precisam se tornar uma parte ativa do seu pensar. Estamos sempre fazendo algo com respeito a Deus. Os seres humanos não têm escape: eles amam a Deus ou amam alguma outra coisa. Refugiamo-nos em Deus, ou em alguma outra coisa. Colocamos nossa esperança em Deus, ou em outra coisa. Tememos a Deus, ou outra coisa. A aplicação das Escrituras à vida ganhará uma nova luz à medida que você aprender a estar alerta aos verbos que retratam o homem diante de Deus. Esta perspectiva permite um entendimento eficaz tanto no aconselhamento evangelístico como

no ministério voltado para o crescimento dos santos.

Terceiro, ao identificar como cada motivação está relacionada a Deus, você percebe que aquilo que há de errado conosco requer uma solução também relacionada a Deus: a graça, a paz, o poder e a presença de Jesus Cristo. A motivação humana diz respeito a uma dimensão vertical. As boas novas de Cristo não são apenas uma maneira “cristã” de satisfazer desejos e necessidades já existentes em nós. A fé viva em Jesus Cristo é a única motivação aceitável, a alternativa radical para substituir as motivações pervertidas.

A santificação tem o propósito de purificar tanto o coração como os membros do corpo, tanto as motivações como o comportamento. Ambos têm importância. Imagine-se sentado na encosta de uma montanha, de onde pode-se ver um lago. Um barco a motor corta as águas com rapidez. Você vê e ouve o seu “comportamento”: ele acelera saindo do ancoradouro, faz uma ampla volta, abre um sulco na água em alta velocidade. De repente o motor desliga, o barco aproxima-se de uma ilha, solta a âncora. Por que ele agiu desta maneira? Se você pudesse vê-lo com uma câmara de aproximação, descobriria os “motivos”. Você descobriria o que dava força e direção ao barco: um motor V-8 de 200 cavalos, um timão e uma roda de leme, e a vontade do piloto. Mas por que o barco parou junto à ilha? Para procurar tesouros escondidos? Escapar da polícia? Fazer um pic-nic em família? Testar o barco para decidir sobre a compra? Sinalizar a falta de combustível? Para entender e “ajudar” o barco, você precisa considerar o visível e o invisível, tanto o comportamento como a motivação. A Bíblia também alcança ambos: os resultados e as causas. Para avaliar e “aconselhar” o barco, você precisa buscar tudo quanto pode ser conhecido.

O Conhecedor de corações recompensará cada pessoa de acordo com suas ações (Jr 17.10). As Escrituras nunca fazem divisão entre motivação e comportamento. O espelho das Escrituras revela ambos. A lâmpada das Escrituras orienta ambos. A graça e o poder de Jesus Cristo muda tanto as raízes com os frutos. O “primeiro grande mandamento” dirige-se sem rodeios às motivações: você ama a Deus de todo o coração, alma, entendimento e força? Ou algo mais divide e rouba as suas afeições? O “segundo grande mandamento” dirige-se sem rodeios ao comportamento: você ama ao próximo como a si mesmo? Ou você usa, domina, teme, evita, odeia, ignora o seu próximo? O evangelho de Jesus Cristo transpõe a escuridão e traz a luz. A graça transforma o nosso coração de pedra; a graça transforma as mãos e a língua que operam para o mal e nos ensina a viver de modo belo.

Qualquer uma destas 35 perguntas poderia ser feita diretamente a uma pessoa na forma em que se encontra aqui ou adaptada. Mas nem sempre são perguntas que podemos apresentar de forma direta a alguém. Às vezes, é melhor simplesmente ouvir e observar, e articular o estilo de vida da pessoa com base nos frutos que revelam aquilo com que o seu coração está comprometido. Lembro-me de ter percebido como um homem que eu estava aconselhando desculpava-se excessivamente, com agitação e angústia evidentes, cada vez que chegava alguns minutos atrasado. Esses pequenos detalhes “encaixavam-se” com outras peças do quebra-cabeça que ainda não estavam perfeitamente montadas no aconselhamento. Quando o quadro ficou claro, percebi que ele se atrasava porque não conseguia se livrar de telefonemas ou visitantes, por medo de que as pessoas não fossem mais gostar dele. Ele se desculpava

exageradamente porque tinha medo de que eu também não fosse mais gostar dele. Esses pequenos fragmentos de fruto – atraso, agitação momentânea, pedidos de desculpa excessivos – conduziram-nos a identificar o padrão que governava a sua vida: as pessoas eram grandes e Deus era pequeno demais (Pv. 29:25). Também nos conduziram a Jesus Cristo. As explicações apontaram para as soluções. Este homem encontrou o perdão e o poder para confiar em um novo Senhor. Ele aprendeu a progredir em mudanças práticas. Em lugar de esconder-se ou elevar-se demais, ele começou a amar aos outros com realismo e ternura crescentes à medida que cresceu na habilidade de vê-los semelhantes a si mesmo.

Para concluir, vou ilustrar com um estudo de caso. Certa vez, aconselhei um homem que escapava habitualmente das pressões da vida por meio de televisão, comida, videogame, álcool, pornografia, coleção de peças antigas, romances de ficção científica, esportes. Ele negligenciava o amor para com sua esposa e os filhos, era relaxado no trabalho, evasivo e enganoso na comunicação com os outros, fingido na igreja. Por onde começar? Havia tantos problemas, tantos pecados por comissão e omissão. Como trabalhar biblicamente com seus problemas? Eu não estava certo quanto ao que escolher. Então me ocorreu: tente os Salmos – como um todo! Quase todos os Salmos, de um modo ou de outro, retratam o Senhor como refúgio nas dificuldades, como o centro das nossas esperanças. Os Salmos, implícita e explicitamente, repreendem o refugiar-se em qualquer outra coisa além de Deus; os Salmos oferecem amor e misericórdia duradouros; os Salmos nos incitam a conhecer e obedecer a Deus nos caminhos da vida. Este homem sentia-se vagamente culpado por alguns dos

seus maus hábitos. Mas ele não percebia o padrão de comportamento nem a seriedade da questão. Ele ansiava por comodidade, controle, conforto – e expressava seus anseios em dezenas de maneiras diferentes. Seus esforços de mudança paravam pela metade e não eram bem-sucedidos. A convicção do pecado específico em seu coração – afastar-se do Deus vivo para procurar refúgio em ídolos – despertou-o, e fez com que ele visse seus comportamentos pecaminosos de uma maneira nova. Sua necessidade daquilo que Deus oferecia – graça sobre graça, para uma vida de fé operando pelo amor – começou a arder dentro dele.

À medida que os seus padrões habituais ficaram evidentes, ele até mesmo começou a identificar pequenas manobras de escape que antes não percebia nem havia relacionado a pecados mais evidentes – maneiras de usar (mal) o humor, arranjar desculpas sutis ou sentir pena de si mesmo. Deus “parecia distante” no começo do processo, quando ele estava confuso. Deus pareceu muito próximo, relevante e desejável à medida que o processo desenrolou-se. A graça de Cristo tornou-se muito real e necessária. Ele ficou motivado a uma mudança prática – encarar as pressões e responsabilidades e aprender a amar aos outros para a glória de Deus.